

GT1 - Teoria política marxista

Aportes de Mariátegui e Zavaleta sobre o imperialismo na América Latina

*Aline Recalcatti de Andrade**

Resumo

O imperialismo estadunidense na América Latina se desenvolveu e adotou diversas formas ao longo das décadas. Para uma compreensão mais ampla deste fenômeno busca-se analisar o pensamento de dois marxistas fundamentais do pensamento latino-americano, que viveram em diferentes épocas e possuem algumas semelhanças em seu trabalho: René Zavaleta e José Carlos Mariátegui. A importância desses autores para o estudo do imperialismo ocorre pelo fato de entender a relação estrutural da constituição do Estado sobre formações sociais heterogêneas, no caso de Zavaleta, e também, no caso de Mariátegui, por abordar a questão indígena, pensando, assim, sobre como esses fatores afetam a influência imperialista em suas regiões. Tal análise busca aportes que podem ser úteis na compreensão do imperialismo sobre sua forma atual para pensar os processos que ocorreram nos últimos anos, como o caso do golpe de Estado na Bolívia em 2019, no qual não teria sido possível sem a postura imperial estadunidense.

Palavras-chave: Imperialismo; América Latina; Mariátegui; Zavaleta.

Introdução

O debate sobre o imperialismo é um ponto essencial dentro do pensamento marxista, e pode se destacar como um dos primeiros a tratar do assunto, depois de Marx e Engels, com grandes contribuições e fortes influências sobre os autores trabalhados neste texto foi Lenin (2012)¹. A partir de então houver muitos intelectuais marxistas que são referências para o entendimento do imperialismo², e muitos casos de pessoas que lutaram diretamente contra a influência estadunidense durante o

* Graduada em Relações Internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atualmente cursa sociologia na Universidade de Buenos Aires (UBA). Contato: alinerecalcatt@hotmail.com

¹ Segundo Magalhães Leite (2014) essa obra de Lenin representa uma síntese das teorias construídas na época como parte das “teorias clássicas do imperialismo”.

² As teorias do imperialismo na América Latina muitas vezes se entrelaçam com a teoria da dependência e as teorias do sistema mundo, com aproximações, contribuições e diferenças conceituais (MAGALHÃES LEITE, 2014).

século XX, como Che Guevara, Sandino, Emiliano Zapata, Julio Antonio Mella, Fidel Castro, José Martí etc. muitas vezes sem serem necessariamente marxista.

Assim, pela abrangência de autores que tratam sobre o tema, buscamos optar por apenas dois autores, não necessariamente conhecidos pelas suas teorias sobre o imperialismo, mas que pretendemos apontar que podem existir muitas contribuições deles ao debate contemporâneo. Por analisar Zavaleta e Mariátegui, um boliviano e um peruano, apesar de viverem em diferentes épocas e, portanto, em diferentes formas expressadas pelo imperialismo, ambos trazem à luz debates importantes de questões relacionadas à composição e estrutura social, principalmente a questão indígena, que faz com a forma Estado tenha certas particularidades, e o papel do nacionalismo sem luta de classes, algo que influencia nas teorizações de ambos sobre o imperialismo na América Latina. Por isso, apesar de haver no pensamento dos autores marxistas muitas diferenças que fogem do espaço tratado aqui, o objetivo do trabalho é entender a concepção de imperialismo desde o marxismo de Zavaleta e Mariátegui buscando observar as semelhanças entre si. Separamos o trabalho em duas sessões com temas que os autores possuem em comum ao tratar de imperialismo.

Além disso, para compreender e caracterizar o imperialismo atual, tão presente atualmente, se busca contribuir com as ideias dos autores que podem ser relevantes atualmente entendendo as ideias, conceitos e teorizações, que podem ser de grande utilidade para uma análise da conjuntura latino-americana.

Luta anti-imperialista e luta de classes

Mariátegui viveu em outro contexto histórico e, portanto, uma diferente forma do imperialismo do que no caso de Zavaleta. Enquanto este último vivia num período de intervenções diretas através de ditaduras latino-americanas sobre o mando estadunidense, que na época de Mariátegui essa concepção autoritária

estava mais em formação³. Entretanto, não se pode dizer de nenhuma maneira que Mariátegui não adotava o anti-imperialismo como algo essencial em seu pensamento.

Como o anti-imperialismo de Mariátegui tinha fortes influências do pensamento de Lenin (MAZZEO, 2008) ele adota a postura de um anti-imperialismo de cunho revolucionário marxista, que vai além do debate que ocorria em sua época do anti-imperialismo nacionalista (MARIÁTEGUI, 1990). Para ele: “Em suma, somos anti-imperialistas porque somos marxistas, porque somos revolucionários, porque contrapomos ao capitalismo o socialismo como sistema antagônico, chamado a sucedê-lo, porque na luta contra os imperialismos estrangeiros cumprimos nossos deveres de solidariedade com as massas revolucionárias da Europa” (*ibidem*).

A questão nacional, para Mariátegui, nunca pode perder seu sentido classista (MAZZEO, 2008), pois o imperialismo estadunidense não deixa em nenhum momento de se aliar às classes dominantes dentro dos países que buscam oprimir. Como ele afirma: “Nem a burguesia, nem a pequena burguesia no poder podem fazer uma política anti-imperialista. Temos a experiência do México, onde a pequena burguesia acabou pactuando com o imperialismo yankee” (MARIÁTEGUI, 1986, p.90), pois o “anti-imperialismo, admitindo que ele pudesse mobilizar a burguesia e a pequena burguesia nacionalistas, ao lado das massas operárias e camponesas (já negamos terminantemente esta possibilidade), não anula o antagonismo entre as classes, nem suprime sua diferença de interesses” (*idem*, 1990, p. 65). A solução de acordo com Mariátegui é “Sem prescindir da utilização de nenhum elemento de agitação anti-imperialista, nem de nenhum meio de mobilização dos setores sociais que eventualmente podem auxiliar esta luta, nossa missão é explicar e demonstrar às massas que só a revolução socialista contraporá um obstáculo definitivo e verdadeiro ao avanço do imperialismo” (*ibidem*, p. 65). Portanto, não há um anti-imperialismo sem a defesa de uma revolução comunista.

³ Foi a partir do início do século XX que os Estados Unidos começaram a desenvolver sua ideologia imperialista, sobre a doutrina Monroe e aprofundar a ideia de América para os americanos. Ademais, as teses desenvolvidas por Mariátegui se inserem em um contexto de guerra entre potências imperiais e desenvolvimento do fascismo, no qual o movimento comunista da época agia conforme a conjuntura, com a Internacional Comunista (III) guiando diretrizes aos movimentos revolucionários nacionais (Pis Diez, 2012). Mariátegui vai a teorizar em esta conjuntura, a favor ou contra das tendências indicadas.

Mariátegui observa, portanto, a relação entre o externo⁴ e o interno, e como na sua época o desenvolvimento do capitalismo estava atrelado ao imperialismo, ele adota a teoria de Lenin (2012) como o imperialismo ser uma nova fase do capitalismo mundial. Também pensando em termos da dominação do centro sobre a periferia, a história latino-americana do século XX - momento que Zavaleta está teorizando - é ainda mais caracterizado pelo imperialismo estadunidense. Zavaleta argumenta que a “ideologia do imperialismo estadunidense sobre a América Latina tem antecedentes anteriores a sua dominação econômica” (2010, p. 292).

Complementando à Mariátegui, René Zavaleta cita, por exemplo, que antes mesmo dos Estados Unidos serem o centro do capitalismo mundial, já havia diversos antecedentes de dominação desse país sobre os latino-americanos, tendo, portanto, uma ideologia que já estava constituída. Tal poder imperialista terá resultados na própria formação diversa dos países latino-americanos. Zavaleta afirma que a própria composição do que é Estados Unidos, de uma forma dialética, dependeu dessa dominação sobre a América Latina, que ele denomina de paradigma “vertical-autoritário” (2009, p. 303). Ademais, um ponto significativo apontado por Zavaleta se trata da comparação das formações dos Estados nacionais, pois nas ex-colônias não é possível seguir um curso de crescimento “normal” como foi o dos casos europeus porque “a última fase do Estado nação dos países opressores” (*ibidem*, p. 45, tradução nossa) é o imperialismo. O Estado sobre o modo de produção capitalista atua respondendo às demandas dos interesses externos, que no caso boliviano, irá se expressar fortemente sobre a subsunção formal, já que não houve um processo de acumulação originária dos países periféricos. Essa subsunção formal, que diferentemente da subsunção real que se implementou de forma exclusiva (TAPIA, 2009), busca a destruição de comunidades que não se constituem de acordo com a lei do valor, no qual ainda existem ou coexistem com o capitalismo outros modos de produção.

⁴ Uma boa síntese que análise mais do fator externo do imperialismo, ou seja, de uma mais geopolítica é o livro de Octavio Ianni de 1974. Por exemplo, diferente dos casos das burguesias latino-americanas que se aliam ao imperialismo estadunidense sem muitas reflexões, a política estadunidense se associa de acordo com a “variação das circunstâncias” (1974, p. 66), sempre preservando seus próprios interesses.

Como Mariátegui, Zavaleta argumenta contra a oligarquia, como um agente dos interesses do imperialismo, então um anti-imperialismo desde as classes burguesas seria algo contraditório, por isso que “o nacionalismo sem o conceito de luta de classes não seria senão outra forma de alienação” (2009, p. 47, tradução nossa). O nacionalismo, nessa leitura, se relaciona com a noção de luta de classes que “não se resolve só em contradição geral entre opressores e oprimidos, senão entre a oposição e a luta entre as classes nacionais e as classes estrangeiras” (*ibidem*, p. 46, tradução nossa). A solução, no caso de Zavaleta que tem fortes influências em Gramsci, seria a constituição de um bloco histórico contra o imperialismo que representa uma forma de hegemonia dominante do capitalismo.

As formações sociais e seu papel na luta anti-imperial

Zavaleta explica que a determinação estrutural do imperialismo tomado somente como fase monopolista do modo de produção capitalista, não expõe o fenômeno completo pois o processo sempre aparece sobre uma forma ideológica, assim explica que “la combinatoria de ambas, estructura e ideología, debe producir siempre una política” (2009, p. 291). Por isso que para o boliviano a estrutura social-econômica é essencial para entender a atuação do imperialismo, pois o fenômeno age não apenas interferindo no Estado, mas também na sociedade.

Segundo Tapia (2009) um dos conceitos mais importantes de Zavaleta é a heterogeneidade estrutural e diversidade de tempos históricos observada em Bolívia, denominada como *forma social abigarrada*, no qual o capitalismo busca a homogeneização social, mas prevalecem espaços que não predominam a lei do valor. Tal configuração engendra novas formas de relações de dominação, pois existe uma oligarquia que detêm o poder do Estado, que ademais de econômica é cultural, pois são etnias ou uma forma esperada de nacionalidade (a colonial) que oprime a outra. É sobre tal construção interna nacional que existem as dominações externas, explicando assim a “dimensão do local-nacional e o mundial” (TAPIA, 2009, p. 21).

Essa configuração específica nacional pode apontar diferentes casos, como citado por Zavaleta (2009) no qual por exemplo os camponeses, pode ser que

expressa de fato os interesses da nação, não a burguesia ou pequena burguesia, porque são diretamente contra o capitalismo oligárquico que está conectado e respaldado pelo imperialismo. E é nessa configuração de *forma social abigarrada* onde há uma diversidade de nacionalidades e etnias que o sujeito indígena se destaca na sociedade boliviana, que no mesmo caso de muitos camponeses, são sujeitos que estão de frente na luta, incluída contra a imperial em suas diversas formas.

Como já apontado, Mariátegui está de acordo com a impossibilidade da luta anti-imperialista que não seja relacionada com a luta de classes. Para ele, o necessário à América Latina é a revolução socialista que não passe por um processo burguês, que como destacado por Zavaleta, não possui o mesmo processo de construção social e econômica. O ponto de partida de Mariátegui, segundo Mazzeo (2008), seria através do sujeito social mais presente na sociedade peruana, as comunidades indígenas. Isso porque o intelectual peruano fazia suas análises das condições objetivas e específicas tanto do Peru, como da América Latina.

O debate do anti-imperialismo nacionalista que Mariátegui criticava era principalmente da perspectiva da APRA⁵ que priorizava o nacionalismo à revolução social latino-americana. Por isso, o peruano faz um chamado à luta revolucionária como luta anti-imperialista, pois analisando a situação dos países latino-americanos, em uma condição econômica que ele chamava de semicolonial, onde demonstra distintas percepções de formações sociais (RODRIGUES DE ALMEIDA, 2010, p. 156)⁶. Uma conclusão disso é que à medida que se desenvolvem tais países de acordo com o desenvolvimento do capitalismo se acentua a penetração imperialista. As burguesias nacionais que não buscam confronto com esse imperialismo, aceitando como proveitoso economicamente. Assim, o Estado nacional aqui, se integra em sua dimensão jurídico-política com a formação social específica do caso latino-americano, que não se atenta a seguir uma ideologia anti-imperialista (RODRIGUES DE ALMEIDA, 2010).

⁵ Movimento político fundado por Haya de la Torre, fundado em 1924.

⁶ “Se, em um modo de produção, as estruturas jurídico-política e ideológica não se resumem a meras expressões da econômica, isto menos ainda se aplica a uma formação social” (*ibidem*).

Dessa forma, para o intelectual marxista peruano a formação social faz com que não há possibilidade “em vista as características próprias das burguesias latino-americanas [...] de um capitalismo autônomo desligado do imperialismo” (PIS DIEZ, 2012, p. 39-40). Disso, conclui-se que lutar por um desenvolvimento capitalista significa a exploração das classes nacionais, por isso a insistência do anti-imperialismo ser entrelaçado à revolução social.

Retomando Zavaleta, diferentemente de teorias que atribuem ao imperialismo como o capitalismo em seu estado puramente econômico, o boliviano argumenta que ele também representa um fenômeno ideológico e política, para o autor “uma determinação estrutural está sempre revelada por sua forma ideológica, e a combinatória de ambas, estrutura e ideologia, deve produzir sempre uma política” (2009, p.291, tradução nossa). De tal maneira, pode-se dizer que as experiências autoritárias ocorridas na época do autor boliviano são as expressões política de tal fenômeno, que a dominação externa buscava homogeneizar o modelo político regional segundo seus interesses (*ibidem*, p. 292), mas que dependia da formação histórico-local.

Reflexões finais

A importância de debater o imperialismo nesse ano advém principalmente da ocorrência dos fatos, além do avanço da direita e dos neofascistas, mas também como o golpe de Estado na Bolívia contra o governo de Evo Morales, um governo caracterizado por adotar uma postura a favor da luta indígena ao mesmo tempo que pensava na construção do socialismo⁷, teve como fator fundamental o apoio do imperialismo estadunidense. Nesse caso nota-se justamente a argumentação de Zavaleta e Mariátegui de como uma oligarquia local, expressada por seus interesses econômicos se aliou à uma frente externa de derrubada do poder do MAS, dentro do seu próprio país e contra as conquistas do sujeito indígena, que foi um dos centros de base do governo de Morales.

⁷ O fato do próprio ex-vice-presidente, Álvaro García Linera, teorizar sobre a ideia de duas razões revolucionárias “indigenismo e marxismo” demonstra esse ponto.

Os autores estudados também fazem pensar em como a estrutura social objetiva e específica de cada país se relaciona com os fatores externos, sendo que há casos como a revolução bolivariana e a cubana que seguem na luta contra o anti-imperialismo, assim como há países que aderem e seguem o imperialismo estadunidense atualmente, como caso chileno, o colombiano e mais recentemente o brasileiro. Isso se trata justamente do que Zavaleta e Mariátegui apontaram como formações sociais, que além do Estado, influenciam o imperialismo imposto. Outra importante contribuição observamos ser o fato de que diversos sujeitos podem atuar contra o imperialismo, no qual se relaciona diretamente com a luta de classes dentro dos países.

Como afirma Prashad (2020) as expressões do imperialismo são diversas: em muitos países podem literalmente ser tanques e guerras, mas como no caso da América Latina ele pode atuar de diversas maneiras, onde foram construídas narrativas⁸ para o imperialismo bloquear os avanços sociais no continente. Por isso que quando há lutas sociais que atacam diretamente os interesses imperialistas, ele se mostra de uma maneira mais explícita⁹. Entretanto, como afirma López (2020) imperialismo dentro da academia pode ser considerado um conceito ultrapassado¹⁰, justamente por essa falta de interpretação de suas diferentes formas de atuação, por isso é necessário compreender como opera e seus mecanismos atuais, que Mariátegui e Zavaleta possam ser autores a darem tal aporte.

Referências

⁸ Podemos citar como exemplo além do terrorismo, mas da guerra às drogas que justifica invenções em diversos países; a luta pela “democracia” como foi o caso contra a Bolívia, e segue contra Venezuela e Cuba; e até a forma de imperialismo ecológico que atua diretamente contra comunidades indígenas a favor de grandes corporações.

⁹ Como citada, as comunidades indígenas, isso pode ocorrer de uma forma abafada onde há casos de violência extrema em lugares como México, Equador, Guatemala, Chile etc. no qual há casos diretamente ligados à defesa da natureza e de seus meios de vida.

¹⁰ O autor agrega como uma suposição de tal fato que “parte do pensamento crítico tenha abandonado certas categorias a favor de explicações mais amigáveis em relação ao establishment acadêmico e político de nosso tempo faz parte do triunfo do modelo civilizatório ocidental e capitalista após a queda do Muro de Berlim” (2020, p.8).

IANNI, Octavio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1974.

LENIN, V. I. *Imperialismo, fase superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LÓPEZ, Emiliano. Introdução: Uma caixa de ferramentas para fechar as nossas veias. In: LÓPEZ, Emiliano (org.). *As veias do sul continuam abertas: debates sobre o imperialismo do nosso tempo*. São Paulo: Expressão Popular. 2020. p. 7-12.

MAGALHÃES LEITE, Leonardo de. Sobre as teorias do imperialismo contemporâneo: uma leitura crítica. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 2 (51), p. 507-534, ago. 2014.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Ideología y política*. Lima: Editora Amauta, 1986.

MARIÁTEGUI, José Carlos. Ponto de vista anti-imperialista. *Novos Rumos*. Marília, n. 18/19 (5), p.64-66. 1990.

MAZZEO, Miguel. *Invitación al descubrimiento: José Carlos Mariátegui y el socialismo de Nuestra América*. Buenos Aires: El Colectivo, 2008.

PIES DIEZ, Nayla. El antiimperialismo y el "problema de las razas" en el pensamiento de José Carlos Mariátegui. *Questión*, La Plata, no. 34, p. 33- 45. 2012.

PRASHAD, Vijay. *Balas de Washington: Uma história da CIA, golpes e assassinatos*. São Paulo: Expressão Popular. 2020.

RODRIGUES DE ALMEIDA, Lúcio F. Nacionalismo e anti-imperialismo em um texto de Mariátegui. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 24, p. 152-162. 2010.

TAPIA, Luis. Prólogo. In: ZAVALETA, René. *La autodeterminación de las masas*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2009. p. 9-29.

ZAVALETA, René. *La autodeterminación de las masas*. Bogotá: Siglo del Hombre, 2009.